

# Vida dos médicos muda após criação do PAS

Nelson Almeida/AE

*Profissionais remanejados dizem sofrer pressões; os que aderiram elogiam novas condições*

HELIANA NOGUEIRA

O Plano de Atendimento à Saúde (PAS) da Prefeitura provocou mudanças na vida dos médicos — tanto daqueles que

decidiram montar cooperativas quanto dos que optaram por não aderir ao plano. “Minha vida mudou por completo”, conta um dos médicos removidos de Pirituba após a instalação do plano. Ele prefere não se identificar com medo de represálias. “Estamos sofrendo pressões e ameaças dia-a-dia”, argumenta. “Com o PAS melhoraram as condições de trabalho, o salário e o atendimento”, garante o cirurgião Cláudio Anastácio, que faz parte da cooperativa em Pirituba. “Não está uma maravilha total, mas caminha para isso.”

“Desde o remanejamento, perco duas horas para chegar ao novo local de trabalho, em São Mateus (Zona Leste)”, conta o médico removido. “Antes, demorava 40 minutos para chegar a Pirituba.” Por causa da mudança, ele deixa de trabalhar algumas horas em sua clínica particular e, portanto, perde dinheiro. “Ainda estou tendo de pagar R\$ 200 a uma pessoa para ficar três horas diárias com meus filhos”, conta.

Já Anastácio se diz satisfeito com a melhoria salarial. Ele, que trabalha há oito anos na Prefeitura, passou a receber R\$ 6,4 mil mensais por 40 horas semanais, contra os R\$ 1,2 mil por 20 horas semanais antes do PAS. “Quando começaram as discussões sobre o PAS, decidi fazer um estudo da região, visitando as unidades básicas”, conta. “Em um dos postos haviam dez recepcionistas agendando consultas para um único médico, na unidade Anhanguera não havia um médico e um dos consultórios foi transformado em depósito de leite em pó.”

Após o estudo, Anastácio tomou a decisão. “Não escolhi o PAS por ser o PAS”, explica. “Decidi aderir por ser a única proposta de mudança de um sistema que estava falido.” Ele diz que se sente recompensado. “Antes, passava três meses sem fazer uma cirurgia”, conta. “Desde o início do PAS já participei de cerca de 20 procedimentos cirúrgicos.”

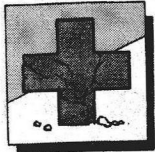
O médico removido de Pirituba continua recebendo R\$ 1,2 mil pelas

20 horas semanais. “Esse plano é autoritário, inconsistente e ilegal”, afirma ele. “Não somos vagabundos, mas profissionais em busca de respeito e cidadania.” Ele avalia que os médicos que decidiram participar das cooperativas têm apenas interesses financeiros. “Eles não têm interesse em cuidar como se deve dos pacientes, porque dá trabalho e não sobra tempo para ganhar dinheiro”, acusa. “Os atendimentos mais caros

estão sendo enviados para hospitais do Estado”, acrescenta. “Receber por um serviço e mandar a tarefa para outra unidade é fácil.”

Ele conta que os médicos removidos para a periferia estão sendo coagidos a atuar como clínicos, por causa da falta de médicos. “Se não atendemos, é omissão de socorro; se atendemos podemos ser acusados de imperícia se houver

algum erro”, explica. “Não atuo como clínico há mais de dez anos, depois que me especializei.”



**ANASTÁCIO:**  
SATISFEITO COM  
A MELHORIA  
SALARIAL



*Cirurgião Cláudio Anastácio, de Pirituba: “Não está uma maravilha total, mas caminha para isso”*